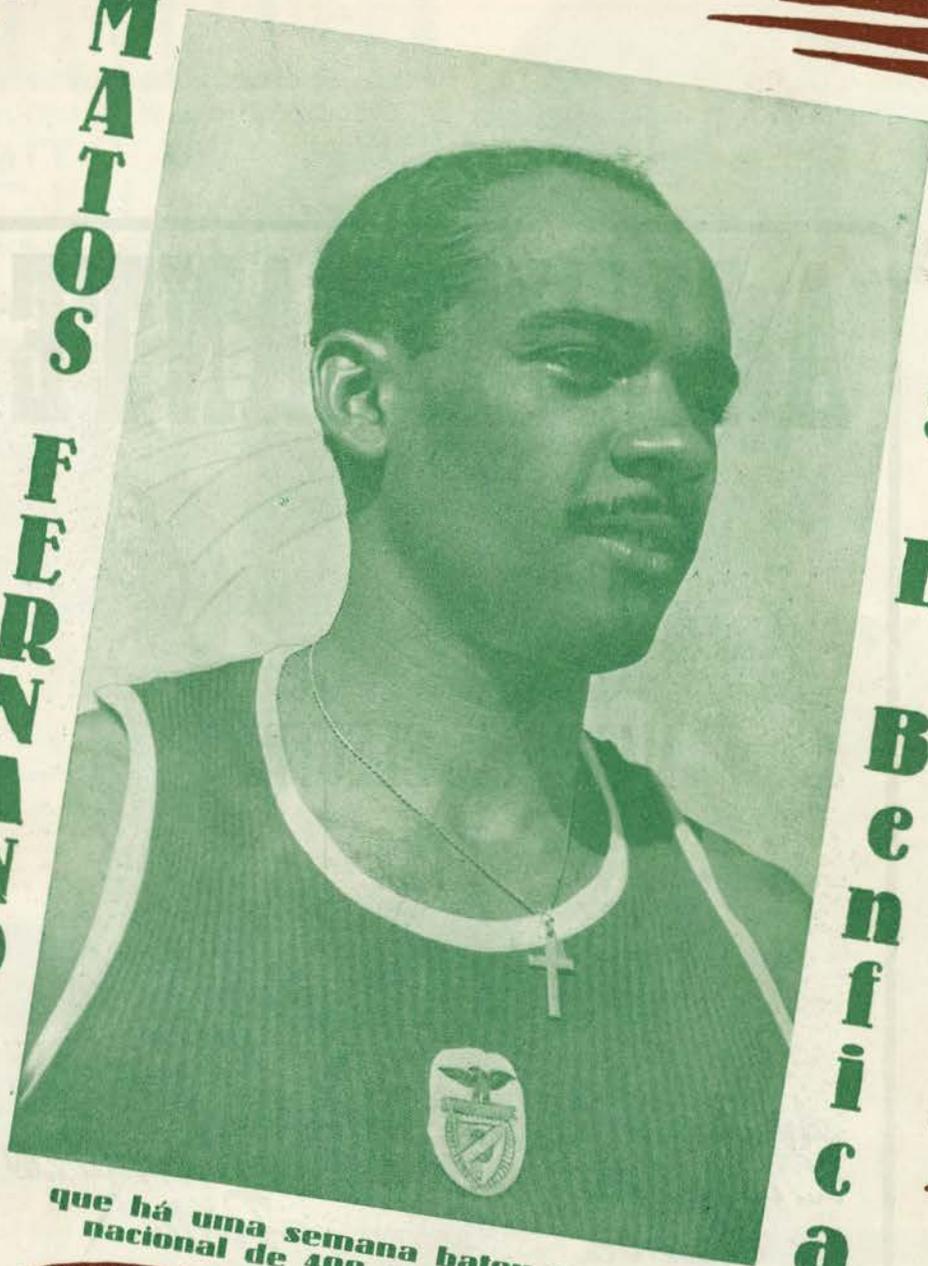


**MATOS
FERNANDES**



do S. L. Benficea

que há uma semana bateu o «record»
nacional de 400 metros barreiras

Stadium

N.º 189 — 17 de Julho de 1946 — Esc. 2\$00

A ILUMINANTE

MATERIAL ELECTRICO
PARA
TODAS AS APLICACOES

*Av. Almirante Reis, 6
L. do Intendente, 11 a 17
Lisboa*

*R. Passos Manuel, 209
Porto*

Stadium

N.º 189 * 17 DE JULHO DE 1946 * PREÇO 2\$00

O CIRCUITO DE CICLISMO da CURIA



Nesta fase já os ciclistas correm isoladamente. Fernando Moreira, do F. C. Porto, e José Martins da Iluminante, levavam uma volta de avanço, e o portuense comanda dois poletões



Nos tres discos, várias fases da corrida da Curia, que foi bem disputada pelas equipas do F. C. Porto, Iluminante e Saagalhos



Fernando Moreira, do F. C. Porto, chega em primeiro lugar e ganha o circuito



Os ciclistas do Porto e de Lisbon

Um pouco do que se passa em Espanha

O que pode interessar ao futebol português



EM todos os países, a competição que dá o título nacional é a última da época, cuja natureza é a eliminar. O futebol português representa nesta matéria uma excepção. O título de Campeão de Portugal cabe ao vencedor do longo e árduo torneio da Primeira Divisão do Campeonato Nacional. Nem sempre foi assim. Antigamente, estavam integrados na regra. A nossa excepção é moderna; de há poucos anos, desde a abolição da nomenclatura das Ligas.

E', no entanto, curioso, como, em toda a parte, a chamada Taça, fechando a época, confere ao mesmo tempo o título nacional. O caso deve-se, provavelmente, à circunstância de se tratar do último campeonato de cada temporada, e, portanto, do campeão manter intactos os seus pergaminhos. Como razão secundária, poderia ainda invocar-se o argumento de se tratar de uma espécie de competição em que o primeiro classificado só conta vitórias, visto uma simples derrota determinar a sua eliminação. Mas esta razão, bem vistas as coisas, não poderá invocar-se com grande eficácia, pois as fórmulas dos campeonatos a eliminar, que estão a ser adoptadas por toda a parte, também permitem as derrotas. Até na Inglaterra, em que se mantinha o sistema puro de cada eliminatória ser constituída por um só desafio, se fez modernamente a adopção das duas mãos.

Parece-nos que a concessão do título de campeão nacional, na regulamentação portuguesa, está mais certa do que lá fora. E' evidente que os triunfos em torneios de poule, com um número elevado e escolhido de participantes, longos e extremamente difíceis, sujeitos à trajectória da forma e ao desencadear das paixões humanas, são de muito maior valor do que aqueles conquistados numa prova rápida e breve, de grande intensidade, é certo, mas que consome energias apenas em quatro ou cinco domingos.

Por isso mesmo, também lá fora começa a discutir-se o caso, na seguinte questão: Qual o campeonato que deverá conferir o título? Em Espanha, o assunto não deixa de ser curiosamente investigado...

Um acaso de conversa com o grande crítico Eduardo Teus, enquanto fomos a caminho do novo

campo do Real Madrid, permitiu-nos conhecer a sua opinião, que é, a todos os pontos, assaz curiosa. Segundo Teus, nem as Ligas nem a Taça deveriam conferir o título máximo. Embora fosse mais razoável atribuí-lo às Ligas, a chamada *Copa* tem o favor da tradição. Como resolver a questão? — De' modo simples. Fazendo, em cada final de temporada, um desafio para a conquista do título entre o vencedor da Liga e o da Taça. Então, sim, o que vençesse seria, de facto e de direito, o verdadeiro campeão de Espanha. Se, por hipótese, o mesmo clube conquistasse os dois campeonatos do ano, tornava-se escusado o desafio de honra. A questão estava resolvida pela sua própria natureza.

Em Portugal, como já dissemos, o caso está regulado de boa maneira. Mas numa revisão de regulamentos, talvez não se perdesse nada adoptando a inovação, e alguma coisa se lucraria ainda no campo da teoria e da prática. Teoricamente, os campeonatos teriam a mesma natureza e significado. Praticamente, criava-se uma espécie de desafio diferente de todos os outros, do mais alto relevo e da mais larga posição. Esse encontro fecharia as portas do Estádio Nacional e do futebol português em cada época.

De resto, a questão dos campeonatos tem sido muito debatida no vizinho país, tentando-se experiências no sentido de um melhor ajustamento e visando-se manter sempre vivo o interesse da chamada *aficion*. A Liga, algumas vezes, a meio do caminho, deixa de interessar, e a Taça Generalíssima encontra os *teams* e o próprio público fatigados. Foi há dois anos, se não estamos em erro, que se levou a efeito a tentativa de enlaçar os dois campeonatos, enfeixando parte do torneio a eliminar na poule. Mas a inovação não agradou e não deu resultados práticos aproveitáveis. De sorte que, esta época, a Espanha regressou à fórmula antiga, e que parece, na verdade, a mais aconselhável: os campeonatos devem disputar-se com regularidade, e enquanto se disputa um campeonato é ele que deve ser o alvo de todas as atenções. Os torneios são unidades autónomas, não admitindo intromissões.

Mas em Espanha o assunto continua a ser debatido, e dos críticos e estudiosos não deixará de passar para os legisladores da bola, merecendo, ao menos, a sua atenção. Há uma corrente no se-

guinte sentido: os campeonatos são unidades autónomas, mas pode manter-se essa autonomia e ao mesmo tempo remediar-se alguns inconvenientes que acarreta a Organização, tal qual se encontra. Bastaria adoptar a solução que indicamos: fazer disputar toda a primeira Volta do campeonato de poule; logo a seguir realizar a Taça; completar depois a poule, levando a efeito toda a segunda Volta. Por este processo, mantinha-se da mesma forma a regularidade dos torneios em cada época, dava-se ao campeão a eliminar um interesse maior, pois que seria disputado em melhor altura e com os jogadores no apogeu da trajectória, quebrava-se a monotomia da poule, e os torneios não perderiam o seu carácter autónomo e perfeito.

Não sabemos, nem interessa, que destino terá a ideia, a qual revela, indiscutivelmente, anseio de aperfeiçoamento. Entre nós, a Taça de Portugal também chega numa altura em que todos nos sentimos cansados, tanto os que jogam como os que vêem. Apesar de isso, julgamos que o sistema adoptado entre nós serve melhor o futebol. Por outro lado, o nosso torneio a eliminar, e julgo que o mesmo sucederá em toda a parte, é consequência de tudo quanto se passou antes. A alteração proposta repercutir-se-ia, e julgamos que sem proveito, em toda a regulamentação.



Al realizar-se no fim do corrente mês, no Luxemburgo, o congresso internacional do futebol. Para o facto chamamos já a atenção dos dirigentes portugueses, pois o futebol português não poderá deixar de comparecer, juntando às suas vitórias internacionais o prestígio dos seus dirigentes.

Os espanhóis estão há muito a tratar da sua representação. Vão ao Luxemburgo em massa, e dispostos a abrir as portas da Fifa,

que têm, como se sabe, uma chave de segredo francês. Mas todos os países enviam delegados à reunião, que ficará histórica, por ser a primeira depois da Guerra e pelo ingresso dos ingleses, representando a anulação do princípio do esplêndido isolamento.

Tratar-se-á no Congresso da realização do campeonato mundial de futebol, que o Brasil requer para si, com toda a justiça. Já vêm a caminho o sr. Luís Aranha, delegado da Confederação Sul-Americana de Futebol, e os representantes da Federação Brasileira, srs. Osvaldo Tavares e Vitor Ferreira da Cunha, ambos diplomatas de carreira, e o coronel Aurélio Lira Tavares.

Temos de prestar toda a assistência possível ao Brasil, que quer o campeonato só para Junho de 1948 e que pretende introduzir inovações regulamentares que, por assim dizer, garantam a comparência brasileira na fase final. E' de todo o ponto justo. A realizar-se a grande competição no Brasil, é evidente que a organização só tem a lucrar com a participação do país organizador. E' ele que no fundo dará a verdadeira animação ao torneio.

Os espanhóis, pelo que ouvimos por lá, já estudaram cuidadosamente a estrutura do campeonato mundial e levam para o congresso ideias assentes. Há interesses a defender, e a participação de vários países na prova mundial dependerá, em parte, do arranjo de apuramento fixado. Ora, nunca, como desta vez, o nosso país teve tão grande interesse no campeonato do mundo. Lembremo-nos, além do aspecto desportivo, que a competição se desenvolve num grande país amigo, glória da nossa raça, onde vivem milhares de portugueses e onde se fala a língua portuguesa. Por consequência, apesar do estado anormal que atravessa a Federação Portuguesa, só com dois governantes, e mesmo estes demissionários, entendemos que o futebol português tem de estar presente no Congresso de Luxemburgo, ao lado do Brasil, e na defesa dos seus legítimos interesses.

Tavares da Silva

Aos nossos Leitores

No próximo número, continuamos a publicação da nossa Separata «Biografias Desportivas», interrompida bem contra o nosso desejo.

NO CIRCUITO DA CURIA

Fernando Moreira

trionfou com merecimento

A Iluminante ganhou por equipas

ASSISTIDO por um público que, em quantidade, deve ter excedido tudo quanto até hoje se reunia em provas do género, disputou-se no domingo o III Circuito da Curia, uma competição de acentuado valor como elemento de propaganda e que constituiu, há anos a esta parte, espectáculo sempre desejado pela população da fértil hospitaleira região da Bairrada.

Dadas as características do percurso — am círculo de curvas apertadas, dentro do parque da Curia, de piso bastante arenoso e ainda de reduzido perímetro — a corrida não teve, como é normal em tais circunstâncias, fases de grande valia técnica. Os concorrentes agiram sempre com cautela, a evitar quedas ou choques com o público, que por vezes pisava as faixas de rolagem, havendo apenas, da parte de Jorge Moreira e José Martins, um desejo especial de lutar que lhes valeu poderem conquistar uma volta de vantagem pouco antes de terminada a primeira metade da corrida.

Sendo Moreira e Martins os concorrentes mais briosos, eles foram também os mais infelizes, o portuense caindo na quadragesima terceira volta e o iluminante avariando as molas quando se aprestava para disputar a embalagem final.

Foi sem dúvida o período mais movimentado da corrida, aquele durante o qual Moreira, com Martins na sua roda, tentou «dobrar» o grosso do pelotão — vantagem que lhes proporcionou os dois primeiros lugares da classificação. E também possuía beleza a perseguição feita pelo mesmo Moreira para recuperar o atraso sofrido pela queda, mostrando-se o portuense nessa altura superior a todos os adversários. O portuense, que perdeu 40 s., recolou em 6 voltas, apesar de Martins ter forçado a marcha no limite das suas possibilidades.

Não pôde o Iluminante fugir de vez ao homem do Porto, mas conseguiu no entanto desmantelar o pelotão e criar fortes probabilidades de vencer à sua equipa. De facto, durante o ataque de Martins, que, depois, foi secundado por Jorge Pereira — a rolar forte à frente para «descolar» Onofre, Aristides, Tálho e Baltasar, — os capitães de Piedade comandaram as operações e mostraram-se apetrechados para vencer.

Rolou-se depois moderadamente nas últimas voltas. De 1 m. 55 s. gastos em algamas, passou-se aos 2 m. 30 s. Tado esperava pelo último «sprint» para se classificar. E de facto só na embalagem final, disputada por 8 homens, se encontrou o vencedor, individual e por equipas. Fernando Moreira, livre de

José Martins, apareceu logo como favorito e ganhou com merecimento, mas não sem ter deixado dúvidas sobre se poderia vencer Martins, pois o portuense via-se ultrapassado, sobre a meta, por Baltasar Rocha e Mourão. Sem a volta de vantagem que havia conquistado, Moreira não teria ganho o circuito.

Não havendo no decorrer da prova outras fases de acentuado valor atlético além das já citadas, torna-se no entanto justo assinalar o comportamento brioso de Tavares da Silva e Jerónimo Souto, sempre integrados no segundo pelotão, e a bela corrida feita por Gaspar Paulo, classificado em sexto à frente de Jorge Pereira. A darem mostras de cansaço Onofre e Aristides, assim como Império dos Santos, que deve possuir treino irregular, falta de entrada e, quem sabe, pouca disposição para correr individualmente.

O triunfo colectivo dos Iluminantes, absolutamente merecido, pois Martins e Jorge Pereira mostraram-se no conjunto superiores ao duo do F. C. do Porto, que tendo em Fernando Moreira o seu melhor elemento, não pôde contar com a presença de Onofre na última embalagem, porque o pequeno e rápido nortenho cedeu muito nas derradeiras voltas. Em terceiro lugar colocou-se o Sporting, que apenas pôde contar eficazmente com o concurso de Jílio Mourão, pois Aristides andou mal, sem poder e sem convicção. Sangalhos em quarto e quinto merecê de duas formações, e Lisgás em sexto, nada fizeram mais do que classificar-se em relação com o comportamento tido pelos seus representantes.

Dado o êxito que o Circuito da Curia vem obtendo de ano para ano — êxito que por enquanto é apenas espectacular e de um bom elemento de propaganda, há que valorizá-lo tecnicamente. Impõe-se a modificação da sua fórmula de disputa de «em linha» para critério; o numero de concorrentes não deverá ser superior a 10, mas devidamente seleccionados, e a atribuição dos prémios colectivos terá de fazer-se pela adição dos pontos obtidos em todos os «sprints».

Quanto ao policiamento e à manutenção de bons ordens no percurso da prova, isso é também tarefa que se impõe. E tratados estes pormenores, estamos certos que o Circuito da Curia passará a ser, no região, o maior espectáculo desportivo, pois reúne vastas condições para isso: ambiente próprio, circuito com certas condições e uma vontade de ferro — a de Nelson Neves — a querer que a prova tenha cada vez maior valor.

J. M.

STADIUM

começará no próximo número a publicar a reprodução de retratos artísticos de Martin Maqueda, apresentando uma galeria de campeões portugueses



Stadium procura, número a número, fazer sempre melhor, e corresponder à aceitação por parte dos seus leitores, apresentando ideias sugestivas, que mais e mais os aproximam ainda da nossa Revista.

Tendo já conquistado milhares de leitores espalhados em todo o país, podemos tomar a posição cômoda de cruzar os braços e seguir no ramerrão do jornalismo. Mas não o queremos fazer. Anima-nos, cada vez mais fortemente, o pensamento de fazer de Stadium uma grande revista, moderna e perfeita. De aí as nossas constantes iniciativas e os melhoramentos, que, mesmo acarretando encargos, temos introduzido.

E, pois, com o maior prazer que começaremos a publicar no próximo número a reprodução e cores do retrato artístico dos grandes campeões e desportistas portugueses. Trata-se de um trabalho de gravura muito interessante, que reproduz com exactidão os quadros do artista espanhol Martin Maqueda, que, por iniciativa da Stadium, executou os referidos trabalhos.

Martin Maqueda é um temperamento de grande relevo artístico, pintor e desenhador notável. Os seus desenhos, assim como os seus retratos, são muito apreciados no norte do país, desde que M. Maqueda colabore no «Primeiro de Janeiro». As «cabecinhas» que especialmente fez para a nossa Revista como que são iluminadas por uma vida própria. São retratos psicologicamente perfeitos e nisto está o grande mérito das obras de Martin Maqueda, como os nossos leitores vão ler oportunidade de verificar a partir do próximo número.

ANDEBOL

O Campeonato Nacional

NÃO foi possível evitar a triste resolução: o Futebol Clube de Porto, campeão por assinatura desde a criação da prova, abandonou o campeonato de 1946.

Não pretendemos apreciar as razões que levaram os dirigentes do valoroso clube nortenho a tomar tão grave decisão; forem certamente muito poderosas e muito bem ponderadas, mas, no entanto, lamentaremos — com base no interesse desportivo, nos seus direitos e deveres — que não tenha existido um pouco mais de espírito conciliador para admitir outra solução que mantivesse com dignidade o F. C. P. no seu posto de combate, onde nobremente cairia de pé.

Filha a colectividade desistente o seu propósito irredutível de abandono em desavenças com a sua Associação Regional; a intervenção, como mediadora e como inquiridor dos factos, do delegado da Direcção Geral, sr. Mário de Carvalho, que prestou neste emergência relevante serviço à modalidade e soube dignamente colocar os factos no seu verdadeiro aspecto, não conseguiu alterar a intransigência, um tanto inexplicável apenas pelos argumentos apresentados, dos dirigentes «portistas».

Não esqueçamos que o campeonato nacional é organizado pela Federação e que as intervenções do

organismo regional, secundárias na circunstância, ficarão para mais subordinadas à fiscalização superior do sr. Mário de Carvalho, em quem a Direcção Geral de Desportos delegara a incumbência de pôr a clero os pontos nebulosos deste lamentável discórdia, que tanto está prejudicando o andebol portuense.

Esperamos que o conflito se esclareça por completo para, então, o comentarmos como merece; é muito possível, é provável mesmo, que a razão não venha a pertencer a quem supõe agora lê-la consigo.

O programa de domingo ficou, portanto, reduzido ao encontro Vigorosa-Sporting, disputado no Porto e no qual os «leões» se deixaram bater por 7-6, perdendo assim as últimas e improváveis aspirações ao título.

Cabe pois ao Grupo Desportivo da Cuf o título nacional de 1946, que pela primeira vez vem para Lisboa. Fica em boas mãos.

O grupo, que se apossou dos dois torneios oficiais que disputou, teve época brilhante, que encerra com uma única derrota em tantos encontros disputados.

O campeonato interrompe-se no domingo por causa da visita da equipa suíça de Aaran, concluindo no dia 28 com o jogo, de pura praxe, «Cuf»-Sporting.

José de Eça

Na Feira de S. Fermin, em Pamplona, triunfou um Fermin que é mexicano e um Marin que é navarro como o fôro ou privilégio que em Espanha permite àquela cidade a entrada dos touros pelas ruas, ferindo e matando gente que os da terra ocultam para que da capital não venha a proibição. Deixemos a brutalidade, que já censurámos no que se refere às «esperas» de Vila Franca, e registamos o facto de um empresário valente, Alfredo Ovelha, ter contratado para Santarém aqueles dois toureiros que em Pamplona cortaram orelha: Fermin Rivera e Julian Marin, e os dois cavaleiros portugueses com «cartel» em Espanha: Simão da Veiga e Murteira Correia.

Se não fôra pelo bem que Fermin esteve na Feira do santo do seu nome, e para registar esta sua passagem por Portugal, não lhe publicaríamos hoje o retrato, porque o que fez em Santarém não foi para que se festeje, ainda que aos touros, e ao vento, ele possa atribuir a culpa.

Mais sorte teve o navarro que também esteve bem na Feira da sua provincia de Pamplona, Julian Marin, que bandarilhou ao «quebro» e «capotêo y muletêo» o touro mais lidável da tarde, do sr. Norberto Pedroso.

Simão nada pôde fazer do seu primeiro, mas no segundo brilhou a grande altura, a altura em que tem mantido nesta temporada.

O Murteira Correia também pôde defender-se dos seus dois, marcando, porém, a sua boa forma.

E também para os forcados amadores de Santarém a tarde não foi propícia, ainda que ficasse patente a sua valentia.

Enfim, teve boa entrada mais esta corrida que Santarém fica devendo a Alfredo Ovelha que para a sua Feira da Piedade, em Outubro, prepara outros bons cartazes.

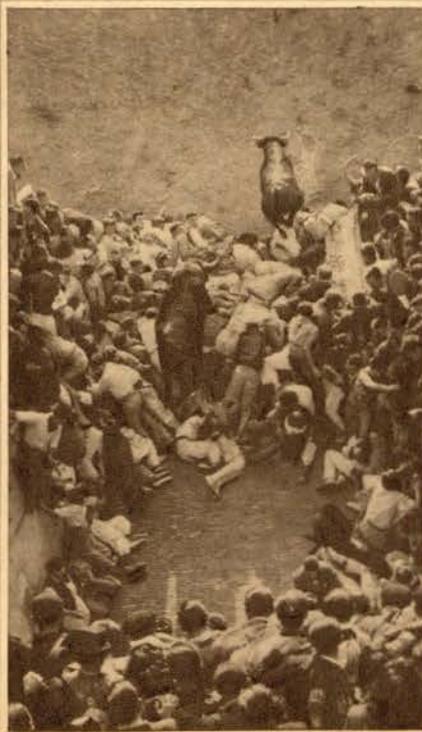
Não são melhores as notícias de Setubal onde Alberto Luiz Lopes teve de se haver com dois touros corridos, e com mansos o valente Paco Gorraez, cabendo a péra-doce da tarde a Conchita Cintron que num bravo novilho do sr. Pinto Barreiros, que aliás não pôde tourear a cavalo, luziu seu garbo de «muletadora» fácil.

E até os forcados pouco puderam fazer, não devendo obter grande lucro o empresário da corrida, o cavaleiro António Luiz Lopes.

De Sevilha é mais animador o



Crónica de TOUROS



Entrada de touros em Pamplona

telegrama no que se refere ao nosso Vizeu e ao sevilhano Vito, dois dos que vamos ver esta semana no Campo Pequeno. Bandarilharam ambos, com Liceaga, e Vizeu voltou a entusiasmar aquele inteligente público, fazendo grande «faena» ao seu segundo, e voltando a sair em ombros da categorizada Praça de «la Maestranza».

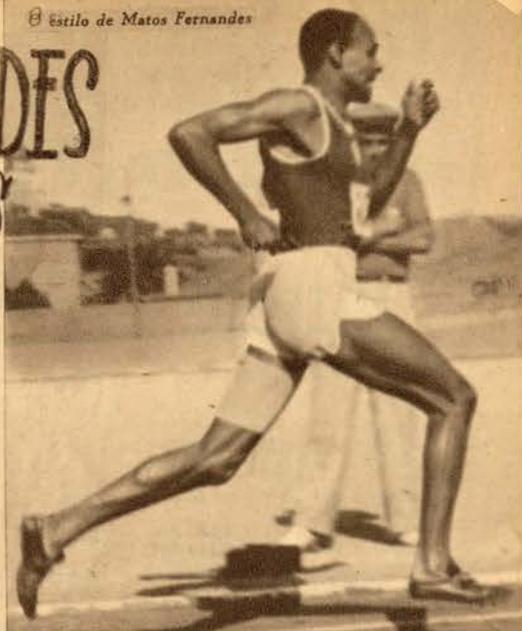
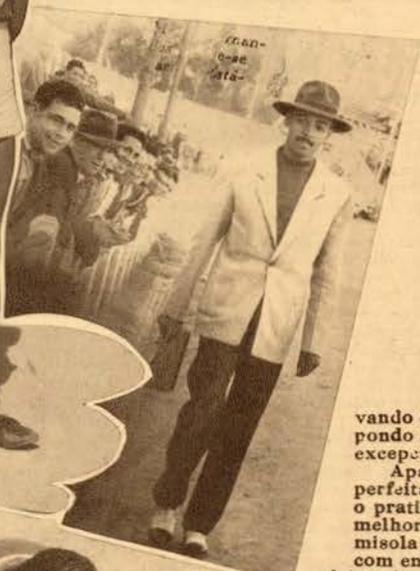
Um facto merece registo nesta página, o regresso do apoderado e empresário tauromáquico Júlio Ribeiro Ginja que volta de Nova York e do México e que, marcando uma temporada de ausência, como Manolete e Arruza, nos reserva grandes surpresas, talvez para as bandas do Brazil, ou para as do México, levando até lá valores tauromáquicos nacionais, provando sempre as suas iniciativas dinâmicas, inteligentes e insinuantes, como as classificam os jornalistas daquelas terras por onde ele, viaja infatigavelmente. E, para terminar, falemos do anuário tauromáquico português, que assim classificámos o livro de todos os anos do nosso estimado camarada — na critica que não no fôro — que é o dr. Saraiva Lima. Intitula-se, e muito bem, «No ano de Manolete e Arruza». Este foi o ano de 1945 porque no ano que corre só os do México viram os dois caríssimos «maestros», e por assim ser poderá Saraiva Lima intitular o seu próximo livro: «No ano de Pepe Luiz Vasquez e de Pepe Martin Vasquez» ou «No ano de Vito e Vizeu», variando os nomes consoante o gosto de cada qual neste ano que é de todos, e mais dos novilheiros.

E, uma vez que citámos o livro daquele nosso camarada — artisticamente ilustrado com uma capa de Delfim Maeza e inteligentemente prefaciado pelo dr. António Pita — sejamos permitido confirmar que Saraiva Lima, após muitos anos de «Iniciação tauromáquica», chegou à «barreira» da critica com uma cultura e uma boa educação nunca demais cantada. Escrevendo bem, em fundo e forma, Saraiva Lima é a pessoa mais bem intencionada que conhecemos na critica, a que mais gosta de escrever bem de toda a gente, até de nós que tão boas palavras lhe devemos já. É a festa de touros, que também já lhe deve tantas crónicas amáveis, fica-lhe devendo todos os anos um livro que, como este do «Ano de Manolete e Arruza», constitue o anuário tauromáquico em Portugal e seus reflexos no que vem de Espanha.

(EL TERRIBLE PÉREZ)

MATOS FERNANDES

UM GRANDE ATLETA PORTUGUÊS



MATOS FERNANDES é um dos nossos bons atletas, um rapaz que há seis anos veste a camisola rubra no popular Benfica levando-a ao prestígio, com comportamento brilhante, em provas difíceis, honrando o clube em competições de campeonatos, fugindo para a cabeça das classificações.

Nestes anos de constante actividade o atleta tem-nos surgido sempre em esplêndida forma, levando de vencida as melhores marcas do atletismo nacional e melhor ainda, impondo-se numa especialidade que por si só o credita como campeão de categoria excepcional: vencedor de todos os «decatlos» que se tem disputado.

Apareceu-nos este rapaz, cultivando o desporto com prazer e com uma noção perfeita do que lhe vale como elemento de camaradagem e amizade entre quantos o praticam, por alturas de 1940. A Mocidade Portuguesa contava-o entre os seus melhores praticantes. Mas o atleta de há muito que olhava embevecido para a camisola do Benfica. Quando a o oportunidade apareceu, Matos Fernandes abraçou-a com entusiasmo e ei-lo que, contente e vaidoso, toma parte nas provas «Aniversário» alinhando na equipa dos 3x300. Depois vieram outras provas, outros «records» e Matos Fernandes tentou o «decatlo». Esplêndido. Desde então foi somando vitórias sobre vitórias. Neste momento Matos Fernandes leva conquistados 4 títulos de campeão em estreantes, 6 em principiantes, 3 em juniores, 4 nos campeonatos de juniores; e já senhor somam-se em 27 os títulos obtidos em provas regionais e nacionais, 44 consagrações que 118 medalhas premeiam.

No balneário, Matos Fernandes equipa-se vagarosamente



— Que provas prefere? — foi a nossa primeira pergunta neste encontro com o atleta benfiquista:

— Depois da estafeta que corri em estreante, experimental o salto em altura, os 250 metros e os 200, mas desta corrida não gostei — muito comprida. Fixei-me nos 400 planos e nos 400 barreiras. O salto em altura também me não tenta. Requer um estudo muito complicado.

— A sua preferência pelo decatlo?

— Gosto da prova, que acho deve satisfazer um atleta. Bem vê trata-se de uma prova que define um atleta completo. E continuo a sentir-me perfeitamente à vontade para esta prova. Só é pena que exista o salto à vara. Metem-me médio. Dá-me sempre a sensação de que vou para um desastre, mas como a prova é necessária — salto mesmo.

— Observa o tempo dos estrangeiros no decatlo?

— Especialmente os franceses. Pelas marcas que têm feito verifico que lhes sou superior em todas as corridas e nos saltos em altura e comprimento. Eles nos tres lançamentos e na vara.

No entanto o decatlo devia disputar-se mais cedo e não quando já temos disputado série de provas. A nossa fresquidão já está então um pouco comprometida.

- Qual o atleta que vê com aptidões para o decatlo depois de V.?
- O Edgar Tamegão, do Académico.
- V. segue uma vida especial?
- Treino consecutivo e muita ginástica aplicada, especialmente no inverno. Mantenho uma vida sossegada.
- Que desporto pratica mais?
- Enquanto estive na Mocidade joguei basquetebol, volei e nadei. Também joguei futebol em campeonato corporativo, mas abandonei estas competições. Excepto a natação, de que sou um apaixonado, entretenho-me às vezes no pingue-pongue e no bilhar.
- Quais são os atletas que mais aprecia?
- Sem dúvida o Francisco Bastos e Sampão Peixoto, os dois atletas que me obrigaram a dar tudo por tudo. Depois Domingos Canhão, Nuno Morais, Carlos Mendonça, Xavier Martins, que este ano apareceu e me parece que poderá ir longe, Carlos André, nos seus bons 110 metros barreiras, e o portuense Antonio Tender. Parece-me um grupo capaz.
- Que opinião tem do atletismo português?
- Tem-se progredido. De 1940, que foi quando principiei, até esta data melhorou-se muito. Basta dar uma vista de olhos pelos «tempos». Há 10 anos se eu corresse como agora os 400 metros barreiras chegaria ao mesmo tempo que o corredor dos 400 planos. E há um outro pormenor. Os quintos classificados de agora fazem melhores marcas que os primeiros desses tempos.
- Falta-nos é apoio, sermos acarinhados. Não se progride mais porque não temos condições de trabalho. Como aqueles cuidados que se têm com os jogadores de futebol. O atletismo vive do nosso entusiasmo e prazer pela modalidade e da dedicação de alguns carolas que se interessam pela direcção deste desporto.
- Necessitávamos de fazer este nosso desporto em melhores condições e proporcionarmos contacto com atletas estrangeiros.
- Como encara este ano o Portugal-Espanha?
- Val ser difícil. Devemos ganhar mas no entanto não será com muita facilidade. Os espanhóis têm alguns elementos em boa forma. Nós lá estaremos, especialmente, com a nossa genca. Se ganharmos ficará pertencendo ao atletismo a honra de ser a modalidade desportiva portuguesa que vence os espanhóis cá e lá...



(Continua na página 15)

Como Matos Fernandes salta barreiras

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

BOXE

Uma vitória do sueco Nilsson

REALIZOU-SE em Estocolmo um combate de boxe entre Tom Reddington, peso pesado inglês de modesto valor, e John Nilsson, pretendente ao título de campeão da Suécia. A luta teve lugar nos terrenos desportivos de Malmö e só no fim dos dez assaltos, a poucos segundos do termo do combate, conseguiu o pugilista local obter uma conclusiva vitória.

O campeão da Suécia e antigo campeão da Europa é Olle Tandberg, jogador de recursos medianos, apesar de muito robusto.

Duas decisões patrióticas

O pugilista cubano Kid Tunero, agora entrado já em idade, mas ainda ágil e científico, encontra-se boxando por terras espanholas.

Recentemente sofreu, em Madrid, uma derrota injustificável por pontos, em face de Gascon, ex-campeão espanhol dos «médios» e pretendente ao título. Os oito assaltos passaram-se com evidente superioridade do mulato americano, cujas acções foram mais efectivas, se bem que se tenha absteído de carregar forte no acelerador.

Na mesma sessão, o pugilista hispano Librero mostrou-se inferior ao italiano Lutti, mas o parecer dos juizes favoreceu-o decidindo-se pelo empate.

O público, pouco numeroso, não ficou satisfeito com os resultados.

Cerdan «for ever»

MARCEL CERDAN triunfou novamente em Paris, contra um adversário de reputação mundial, o negro Holman Williams. Esta vitória, conseguida por pontos, esteve algo tremida, pois o francês apresentou-se inferiorizado, com o punho direito incapaz de disparar golpes fortes, sofrendo ainda de uma lesão recente.

O americano dominou cientificamente até ao 5.º assalto mas, entretanto, sobreveio-lhe uma câibra na perna esquerda, reduzindo-lhe grande parte da capacidade ofensiva.

Cerdan, normalmente, deverá ganhar a Williams, mas quanto aos Grazzianos e La Mottas é caso para se averiguar.

Um ex-campeão que desapareceu

YOUNG JACK THOMPSON, negro de Los Angeles, antigo campeão mundial da categoria dos semi-médios, faleceu recentemente, vitimado por um ataque cardíaco.

Como jogador, distinguiu-se nos anos de 1930 e 1931, vencendo Jackie Fields e Tommy Freeman para o título da categoria, nas duas ocasiões.

Depois do passamento de Summers, Jeffries e Johnson, registamos mais este.

FUTEBOL

Em Inglaterra

ALBERTO STUBBINS, avançado-centro do *team* Newcastle United e do grupo nacional britânico, solicitou que o seu nome figure na lista dos jogadores de futebol a transferir antes da próxima época.

Ingressou no clube, como profissional, em 1937, e desde 1940 que ocupa o lugar de eixo da linha dianteira. Fora das horas de serviço, Stubbins é desenhador num estaleiro naval de Sunderland.

Os motivos alegados pelo avançado-centro nacional inglês são que deseja ingressar num grupo da Primeira Divisão da Liga, de preferência a continuar no seu actual clube.

Jack Dodds, avançado-centro do grupo nacional escocês e do Blackpool, recusou-se a aceitar as condições propostas por este clube. O Everton, o Liverpool e o Derby County, que anseiam contratar um homem competente para o posto central das suas linhas dianteiras, têm agora uma excelente oportunidade.

Dodds deixara, em 1939, o Sheffield United pelo prémio de transferência de dez mil libras.

Grimsby Town firmou com James Mc Gowan, interior de Dumbarton que na época transacta meteu 21 golos à sua conta, os seus serviços para a próxima temporada.

A Suécia venceu a Suíça por 7-2

EM Estocolmo, no Estádio de Rasunda, jogou-se um desafio internacional de futebol entre a Suíça e a Suécia, debaixo de muito bom tempo. A primeira parte terminou com os nórdicos a dominarem por 2 bolas a 1, mas na segunda metade do jogo consolidaram o triunfo, enfiando mais cinco tentos e sofrendo apenas um.

Com este resultado de 7 a 2 terminou o desafio, que foi presenciado por 35.000 espectadores.

TÊNIS

A Taça Davis

PARA disputa da eliminatória da zona americana, realizou-se em South Orange o *match* entre tenistas dos Estados Unidos e do México. A vitória coube aos primeiros, isto é, a Francisco Parker e Billy Talbert sobre os irmãos Vega, apurando-se deste modo os E. U. A. como os futuros adversários da Nova-Zelândia.

NOTA DA SEMANA

O futebol continua sendo o desporto favorito das multidões e, por consequência, o de maiores lucros pecuniários. Alguns jornais estrangeiros publicam constantemente, vindas de vários lugares da Europa, notícias sobre os benefícios arrecadados por este e aquele clube de nomeada ou durante determinado desafio internacional de importância.

O Clube de Futebol Barcelona, a mais representativa colectividade catalã e hispânica, cuja notoriedade e valor pela prática do jogo da bola vêm de longa data, anunciou há pouco tempo um superavit superior a 150.000 pesetas, no balanço das suas contas.

Os clubes ingleses, não todos, é bem de ver, regozijam-se abundantemente com os produtos finais das receitas, apesar dos impostos muito elevados que pesam sobre os espectáculos desportivos do Reino Unido.

A União do Rugby Gaulês, por seu turno, acusa um lucro financeiro excelente, de dez mil quinhentas e setenta libras, com referência à derradeira temporada.

Estes números, juntamente com outros já aqui publicados, como a receita do Everton Futebol Clube, que fecho a época com 21.557 libras de benefício, põem em relevo a circunstância de, nos países onde os impostos atingem cifras elevadíssimas, se ficar bastante aquém de alguns exemplos recentemente sucedidos em Portugal. O mais edificante de todos, o desafio entre o Fósforos e o Estoril, cuja receita de doze mil escudos foi ultrapassada pela despesa forçosa, não tem paralelo possível em países como a Inglaterra, onde se cobram 48 por cento das receitas a título excepcional.

O desporto não deve ser transformado em fonte perene de contribuições pecuniárias caso contrário, ver-se-ia rapidamente a sua decadência. Isto; não carece de grandes explicações, porque está no espírito de toda a gente e, até, nas linhas gerais que orientam a política nacional, mas convém pôr em relevo uma vez por outra.

R. B.

ATLETISMO

Em Inglaterra

Inglaterra possui actualmente alguns atletas de cor capazes de ganhar aos melhores americanos e europeus. O mais brilhante de todos é Herbert Mc Kenley, natural das Índias Ocidentais, que há poucas semanas corraera nos Estados Unidos a distância de 440 jardas (402 metros) em 46,2 segundos, batendo o recorde mundial anterior. Oito dias mais tarde, fez o mesmo numa prova nocturna efectuada em Nova York, cobrindo 300 jardas em 29,8 segundos, resultado que melhora o recorde mundial de Paddock em quatro décimos de segundo.

Em seguida a Mc Kenley vem Emanuel Mc Donald Bailey, da ilha Trindade, que foi vencedor recentemente em Anvers dos 100 metros, no tempo excelente de 10,5 segundos e dos 200 em 21,6. Poucos dias antes, havia ganho em Londres, por duas vezes, as 100 jardas em 9,7 segundos, igualando o recorde inglês da distância, que pertence a Eric Lidell desde 1923.

Artur Wint é o outro atleta de cor capaz de bater os melhores nos 400 metros. Venceu agora no torneio de Anvers esta distância em 48 segundos e parece em condições de melhorar este tempo.

Uma proeza destacada, que merece particular referência, foi a vitória do jovem saltador escocês A. S. Paterson, ganhando o con-

curso internacional de Anvers com um salto de 2 metros, tendo falhado por muito pouco 2,03.

Sydney Wooderson, o brilhante corredor da milha, agora em preparativos para correr a légua nos campeonatos da Europa, fez os 1.609 metros numa competição preparatória, em 4 minutos 19,2 segundos.

Tudo isto dá uma ideia da capacidade atlética dos ingleses.

HIPISMO

O Grande Prix de St. Cloud

EM Paris, o cavalo Coaraze, de Marcel Boussac, venceu o Grande Prémio de Saint Cloud (2.400 metros) com dois comprimentos de vantagem sobre Ardan. Em terceiro lugar ficou Basileus, a três comprimentos e meio, sem mais competidores.

É curioso assinalar que estes 3 cavalos correram em Inglaterra durante a presente época. Ardan ganhou a Taça da Coroação, em Epsom; Coaraze ficou em segundo na prova Rous Memorial Stakes, de Ascot; e Basileus classificou-se em terceiro lugar na Taça de Ouro de Ascot, ganha brilhantemente por Caracalla 2.º.

Assinem a STADIUM

Stadium

O sr. governador civil de BRAGA



O sr. governador civil de Braga, acompanhado do sr. Mendo Saraiva, da Federação de Remo, e de entidades da organização dos campeonatos visitando a Albufeira do Ermal

expõe-nos alguns projectos sugeridos pelas regatas disputadas no Ermal

— Mas no Ermal há muito que construir. Por enquanto, nada há que assegure ali a estadia, a não ser dos campistas.

E o sr. governador civil responde-nos com entusiasmo a esta nossa observação.

— É de crer que para o ano já ali estejam instalações apropriadas. Não me surpreende que seja por intermédio do desporto que a parte turística venha ali a desenvolver-se. E de resto é de esperar que o Estado compreenda melhor esse aspecto do que ninguém, facilitando a iniciativa particular.

— E instalações desportivas?

— A Câmara Municipal de Vieira do Minho, a cujo concelho pertence o Ermal, está interessadíssima no desenvolvimento do seu concelho. Tem lá homens de muito boa vontade, especialmente o seu presidente, o dr. Almeno Vieira Leite. Estas provas de remo no Ermal devem dar origem a um clube de desportos náuticos em Vieira do Minho. Mas o entusiasmo alastra. Em Esposende aparece já um grapo a dedicar-se ao remo e à natação.

Desportivamente, não é em vão que esta jornada de remo aqui veio a efectuar-se. Se o desporto local vai lucrar com este reconhecimento oficial da lagoa, a vida desportiva portuguesa passa a contar com mais um grande centro de desporto, porque prevê no concelho de Vieira do Minho muito entusiasmo e bons projectos.

Desciamos já para a Albufeira. Pergantámos:

— Como encara V. Ex.º o futebol no seu distrito?

— Há-o em qualidade e intensidade. A nossa actividade na época fúndia parece-me que traz o valor desportivo da região...

— O Estádio?

— As obras prosseguem em bom ritmo. É uma obra magnífica, que o governo muito bem compreenda.

Não podemos interrogar mais o sr. dr. Henrique Cabral. As várias obras da Albufeira prenderam-lhe a atenção e por mais de uma vez nos deu a conhecer os seus projectos.

— Ali uma Poasada, naquelle local as instalações de um clube náutico...

F. S.

Os Campeonatos Nacionais de Remo de 1946

disputados em pista de boas condições internacionais

A nossa primeira deslocação à lagoa do Ermal foi feita em companhia do sr. dr. Henrique Cabral, o actual governador civil de Braga, um homem de vistas largas e que ao desporto dedica especial interesse. Conhecemos-lhe até certos projectos que, além da sua utilidade para a região, bem ajudam o desporto em geral. Os 38 quilómetros de estrada que separam Braga da Albufeira do Ermal serviram para esta troca de impressões com o sr. dr. Henrique Cabral. Enquanto que o carro que nos conduzia marchava veloz por estrada de bom piso, o sr. governador civil referia-se com entusiasmo ao desporto local.

— Ajudo-o quanto posso, amparando-lhe as suas aspirações, procurando que se desenvolvam, entusiasmando as boas iniciativas. E o desporto no distrito de Braga acusa já uma qualidade e intensidade que, como justamente se verifica, aparece muito bem ao lado do desporto de todo o país.

A província do Minho é muito importante e ao desporto está dando uma útil colaboração. A Albufeira do Ermal, reconhecida, pelos dirigentes do Remo, como um local de muito valor para as regatas mais importantes que venham a disputar-se, entusiasmos e pode muito bem dar motivo a uma ligação turística e desportiva.

— Podem-se prever realizações de vulto?

— Assim o espero. Ligado ao problema turístico da região, espero que o Ermal entre em intensa actividade desportiva. Na sua Albufeira maravilhosa poderemos ter remo, natação, motonáutica, campismo e pesca. Um dos nossos propósitos é levarmos a efeito uma prova de ludo de natação, trazermos ao Ermal alguns dos melhores elementos, conseguir até a realização de uma prova oficial. E creio no interesse e entusiasmo das organizações desportivas do meu distrito.

BRAGA, aconchegada no maciço verde do formoso Minho, apparece-nos reclamado com entusiasmo nos meios desportivos onde o desporto náutico mais intensamente mantém sua actividade.

O desporto do remo, de tradições tão distintas, viu-se quase num repente transportado para um local, bem no interior do país, onde em campeonatos oficiais os remadores portugueses se lançaram na conquista de honrarias e de justo prémio às suas excepcionais condições de atletas.

Com a realização dos Campeonatos Nacionais de Remo de 1946, pretendeu-se — fez-se mesmo — effectuar a experiência de colocar os nossos remadores em confronto com os principais núcleos do estrangeiro: regatas effectuadas em lagos tranquilos, os remos pendendo águas sem correntes, as tripulações obrigadas de ventos. Só o esforço físico do atleta, agitando-se, medianamente as suas possibilidades, mas sem que qualquer facto de outra natureza o ajudasse. Esquadrinhou-se o país, tentou-se encontrar solução viável para que as provas de remo oficiais tivessem as características exigidas pelas leis internacionais do desporto do remo. Os campeonatos da Eu-

ropa, os Olímpicos, os do Mando, que possivelmente serão organizados em Portugal, impõem estas características. Na nossa orla marítima nada surgiu que tentasse a experiência, até que uma região, um distrito dos mais lindos, veio apresentar a sua candidatura. Braga, no seu distrito, no concelho de Vieira do Minho, possuía uma formosa Albufeira, com os requisitos necessários para a prática do desporto do remo.

Tentou-se a experiência num ambiente esforçado de boas vontades e de colaborações várias. E no domingo, no mastro alto-neiro da Albufeira do Ermal, era arvorada a insignia desportiva. Ali se disputaram os campeonatos do remo.

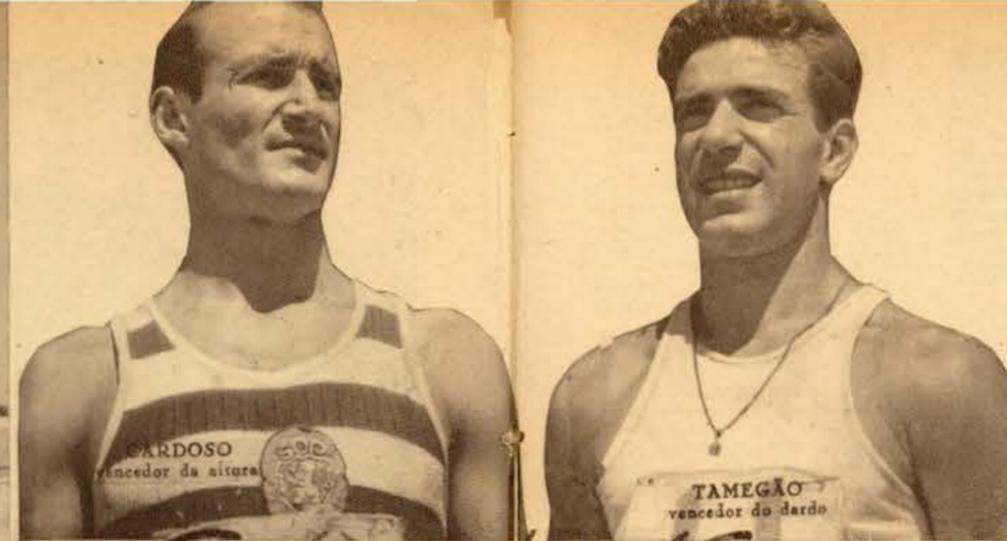
Técnicamente, pôde-se apreciar a excelência do local, todos os requisitos indicados para que no Ermal se possam effectuar as mais importantes provas de remo. Claro que muito há a fazer, especialmente no aspecto turístico. Ali, por enquanto, só existe o encanto pródigo com que a natureza bafeja o lindo local. O desporto foi ao Ermal, com a sua grande popularidade, com a sua força movimentadora, capaz de tudo revolucionar. Esteve ali, na sua obra de propaganda, interessando-se por aquele bocadinho magnífico da

terra portuguesa, na ideia de o *haber* para si num futuro próximo, com a ajuda dos homens para que o dotem com tudo o que é indispensável para que vingam a sua ideia e os seus projectos. Se o conseguirem — o desporto receberá com alegria essa confirmação — a Albufeira do Ermal, ao mesmo tempo que entra no roteiro turístico de Portugal, pode arvorar a flamula distintiva que assinale, num grito de entusiasmo, mais um local onde o desporto alegremente se foi fixar. Oxalá isto seja um facto, e, então, todos quantos foram ao Ermal unicamente apegados à sua boa vontade e camalhões no seu melhor espírito de colaboração com uma ideia que se liga intimamente com a propaganda do desporto, e especialmente com o belo e útil desporto do remo, darão por bem empregues seus trabalhos e censeiras naquela jornada do dia 7, que, como valorização desportiva, apenas nos deu ensejo de vermos confirmada a supremacia de que actualmente os remadores do Sporting Caminhense fazem alarde. E justamente. Vamos tê-los em representação de Portugal em luta com os remadores espanhóis no próximo Campeonato Peninsular.

Fernando Sá



Uma passagem dos 110 Barreiras



Campeonatos Nacionais de ATLETISMO



Uma passagem dos 1.500 m.



A equipa Académico do Porto, que causou boa impressão



A equipa F. C. P., concorrente aos seniores

O espírito compreensivo da Associação e dos Clubes portugueses permitiu à Federação transferir para Lisboa os campeonatos nacionais, alcançando por esta forma o resultado material que procurava para fazer face aos pesados encargos de deslocação da equipa nacional a Barcelona.

O público acorreu em grande número, deu largas ao seu entusiasmo, aplaudiu, protestou quase sempre sem razão, mas não deve ter dado o dinheiro por mal empregado pois em qualquer das jornadas assistiu a bom espectáculo.

Os resultados técnicos, o que mais importa verificar, foram na generalidade francamente bons e aqueles mesmo que desmereceram no confronto como os dos 1.500 m. e dos 10.000 m., não demonstram inferioridade real mas sim tática dos vencedores ou influência do vento que soprava rijo.

Esta acção do vento, prejudicial aos corredores de maiores distâncias, vimos-la e ouvimo-la apontada logo nas críticas imediatas pelos comentadores especialistas; mas nenhum desses indicou também quanto o mesmo vento auxiliou os corredores das provas em linha recta.

A organização teve oscilações: no sábado satisfez quase por completo, mas no domingo teve falhas apreciáveis. Vamos apontar: 1.º não foi medida a velocidade do vento, nem cumprida a determinação do G. D. de prévia informação ao público sobre a validade dos tempos alcançados; 2.º a altura do círculo do peso não estava bem adaptada ao rebordo do círculo interior, pois só assim se explica a anulação do melhor lançamento de Pinto Basto; 3.º não tinham sido aferidas as condições de resistência ao derrube das barreiras e só no momento da prova o jurí vello experimentar o emprego de um aparelho cuja decisão desconhecemos; 4.º não foram aferidos os aparelhos empregados nos lançamentos e chegaram a fazer-se duas tentativas com um martelo vindo do Porto e que media 1,240 de comprimento; 5.º as cronometragens secundárias continuam a não acertar e alguns dos cronómetros usados não regulam convenientemente, sem por isso serem eliminados.

A PRIMEIRA JORNADA

O acontecimento dominante da jornada de sábado, foi a proeza de Edgar Tamegão batendo por cinco metros o recorde nacional do lançamento do dardo, que fixou em 56. m exactos, depois de em tentativas anteriores ter alcançado aproximadamente 50, m5 e 52, m.

O valoroso atleta português conquistou o justo prémio da sua aplicação; os progressos foram evidentes, no ritmo da corrida, na execução dos passos finais e, sobretudo, na coordenação das duas fases do exercício. Nem hesitações, nem desvios; uma acção única, rematada com vigor e decisão.

Temos, enfim, em Portugal, um lançador de dardo porque os restantes competidores deram apenas prova de boa vontade ou de regresso de possibilidades.

Todo o programa da tarde decorreu com animação e os resultados são, no geral, satisfatórios; deve notar-se que a tarde estava fresca e que as últimas provas — sobre todas o salto em comprimento, foram disputadas em muito más condições atmosféricas.

Sampaio Peixoto venceu os 200 metros com a autoridade da sua classe; os adversários imediatos ainda o acompanharam de perto durante os primeiros 120 metros, mas cederam nitidamente na recta final. Nuncio vale bastante menos do que há um ano e o bracarense Moraes mostrou bons recursos para futuro, parecendo-nos frágil e leve. É uma questão de ginástica apropriada durante o inverno.

A corrida dos 800 metros foi uma competição inter-sócios do Sporting; os seus quatro representantes abalaram quando quiseram e chegaram destacados. Francisco Bastos voltou a limitar a sua acção às necessidades de vencer e fez-o com segurança incontestável; os 800 metros correram-se com tática e Bastos é mestre no aproveitamento da sua longa e poderosa ponta final.

O outro Bastos, Humberto, classificou-se segundo, derrotando João Jacinto; não esperávamos que assim fosse. Finalmente José Vicente — sem duvida o segundo homem português na distância — ainda anda longe da forma que os seus afazeres profissionais não deixaram cultivar. É pena.

João Silva e Afonso Marques repetiram uma das suas corridas da légua, desta vez em melhor andamento, ficando o vencedor apenas a um décimo da sua melhor marca. Note-se ainda que Oliveira e Silva e Filipe Luis conseguiram os melhores tempos da sua carreira e o sexto classificado vai ocupar o 24.º lugar na tabela dos resultados portugueses.

Matos Fernandes correu as barreiras em 56,6 e 57,3, com vento incómodo, o que confirmou a sua proeza dos regionais. Para o segundo lugar Eloi bateu Dias nos últimos metros pela mínima diferença, por erro do sportinguista; supondo-se atacado por Vieira, o adversário que mais devia temer, olhou para trás para o interior e não viu ninguém, sendo nesse momento passado por Eloi que vinha na pista exterior. — SALAZAR CARREIRA

(Continua na Pág. 15)



Chegada dos 100 m. — Paquete é o primeiro



Montalvão, vencedor da Vara, transpondo 3,60



A equipa de 4x400 do Sporting, vencedora da prova



A equipa de 4x100 do Benfica, titular nacional



Pinto Bastos, vencedor do Peso



José Luiz, vencedor do Disco



Cardoso, saltando em Altura



Tamegão, no lançamento do Dardo que bateu o «recorde»



Peixoto, chegando 1.º lugar nos 400

No Mundo da Bola

Pelo JORNALISTA DESCONHECIDO

MARTIN

O que pensa o famoso avançado do Barcelona da sua substituição no Espanha-Irlanda

Mariano Martin, o famoso jogador do Barcelona, é um ídolo catalão. No já célebre Espanha-Irlanda, Martin foi substituído por Zarra, e, apesar disso, os espanhóis perderam na mesma...

Martin, o conhecido avançado-centro, não perde facilmente a serenidade. Entrevistado para o Mundo Desportivo, de Barcelona, sobre a impressão que lhe havia produzido a substituição, retorquiu simplesmente.

— Sim. O que se passou em Madrid (não o negarei) produziu-me uma lesão moral. Estava satisfeito com o meu regresso a internacional, e tinha tantos desejos de cumprir, que me doeu profundamente a decisão. O seleccionador saberá por que o fez, e não hei-de ser eu quem se atreva a comentá-lo, porque tal não me incumbe.

A única coisa que devo dizer-te é que quase me sinto agora satisfeito deste incidente sem importância, porque me permitiu comprovar até que ponto me querem os aficionados barcelonenses. Isto só vale para sarar todas as feridas morais e quase bendizê-las se, por causa delas, surge a oportunidade de comprovar a estima em que os outros nos têm.

A Selecção Nacional em terras portuguesas de África

Apesar do movimento de interesse suscitado pela ideia posta pelo nosso camarada Tavares da Silva no Mundo Desportivo — a iniciativa não foi por diante.

Tralava-se de fazer deslocar a Angola e a Moçambique, com passagem pelas Ilhas, a Selecção Nacional, em jornada de propaganda, e, de certo modo, para atenuar a falta de uma competição em que o futebol das nossas Colónias possa participar.

Em Angola, como em Moçambique, a ideia provocou o mais vivo entusiasmo. Por cá, também os dirigentes se interessaram. Simplesmente, o estado anormal em que tem vivido a Federação, no capítulo de dirigentes, não era de molde a dar execução à iniciativa. Só por isso, acreditamos, não se transformou em realidade. Julgamos, todavia, que o assunto poderá ser estudado minuciosamente, e com tempo, de forma a dar-se realidade ao que já hoje é uma aspiração de Angola e Moçambique.

4 ASSUNTOS

1 Está na moda em Espanha a afirmação de que os jogadores de futebol duram pouco. Passem pela vida do jogo como meleiros. E diz-se que, antigamente, tal não sucedia. Exemplificando: terminaram os Gorostizas em Espanha...

Os críticos de vizinha nação buscam efidagadamente as razões que estão na base do reconhecimento da questão. Parece que é opinião geral que o facto se deve à intensidade extraordinária do futebol de hoje. Diz-se que as competições são mais prolongadas do que na época de ouro do futebol espanhol, que os jogadores estão melhor repartidos pelos clubes, e que as lesões também exercem uma acção desgraçada.

Solução? Alguns alvitem: reduzir o número de concorrentes nas ligas. Quere-nos parecer, porém, que as causas devem ser mais complexas, mas não há dúvida que o ex-jogador de uma época inteiramente recheada de desafios de morte, domingo a domingo, há-de contribuir para encurtar a vida do profissional da bola.

2 Em Portugal, apesar do desgaste provocado pelos terrenos duros, o jogador de classe dura, relativamente, muito tempo. Dizem-nos, é certo, que, na Inglaterra, é frequente o caso do jogador de avançada idade, mas a verdade é que os *teams* da comunidade britânica que nos visitaram esta época eram integrados por elementos jovens, na idade própria para a prática do jogo, excepção para uma ou outra unidade. Seja como for, passe-se o que se passar lá fora, não nos devemos mostrar muito desgostosos com o que sucede entre nós. Ao observarmos os quadros clubistas, lá encontramos, em todos eles, jogadores que têm às costas o fardo pesado de um número elevado de épocas, e que ainda cumprem a sua junção com uma competência que não tem rival. Em Portugal, eis a verdade, os jogadores experientes constituem a base dos *teams*, e a sua disposição é, por enquanto, excelente e deverá assim traduzir-se: não se dexarem suplantados pelos que chegam — cheios de audácia e esperanças!

3 Os espanhóis parecem estar mais interessados do que nunca na realização do Portugal-Espanha. O confronto, permitido pela Irlanda, e todo ele em desfavor dos nossos vizinhos, aguçou-lhes o apetite. Ainda bem! Já era tempo de eles se convencerem que o desafio não interessava exclusivamente a Portugal, mas também à Espanha, visto os encontros entre os dois países transformarem-se sempre em esplêndidas manifestações desportivas.

Parece-nos muito curioso o interesse que os nossos vizinhos estão a revelar pela efectivação do jogo — sabido o que se passou na época transacta. Verdade seja, o que se passou não devia admirar-nos, pois não é mais do que a expressão tradicional da política desportiva espanhola neste matéria. Devemos, no entanto, corresponder ao interesse agora manifestado, aproveitando o ensejo para pôr os pontos nos *i* relativamente à realização do grande encontro peninsular no futuro. Em tudo que se relaciona com a referida organização — nós temos transigido sempre! E a este respeito podíamos citar vários pormenores. E' a altura deles começarem a transigir, pela sua parte, também um pouquinho.

4 Ou os campeonatos distritais desaparecem, ou parece não estar certa a fórmula adoptada para a determinação dos concorrentes do Campeonato Nacional. Desde que os distritais prevaleçam, é evidente que se lhes deva atribuir uma junção, e solta à vista que tal deverá ser a sua ligação, ou inter-dependência, com o campeonato máximo — dos torneios parcelares para a competição geral.

O interesse que dará cor aos campeonatos distritais, mais do que o próprio título, ultimamente, era a ascensão para o andar superior. Tiram-lhes essa qualidade, é diminuí-los. Em Lisboa, o nivelamento das forças ainda lhe dá sal e pimento. Mas nas outras regiões?

De resto, dá-se o caso de clubes de Segunda Divisão dos Regionais estarem na Primeira do Nacional, enquanto que alguns da Primeira Distrital ficam de fora. E bem poderá dar-se o caso, por hipótese, do vencedor do campeonato distrital do Porto não tomar parte na competição geral. E' justo? Acabando os campeonatos distritais, estes inconvenientes desaparecem em grande parte. Mantendo-se, a organização resulta ilógica e confusa.

Há resposta para tudo...

P. 412 — Em minha opinião, o avançado-centro nacional Fernando Peyroteo é melhor do que Martin ou do que Zarra. Conhece os dois jogadores espanhóis? Não é esta também a sua opinião? (De Um sportinguista, Castelo Branco).

R. 412 — Conhecemos suficientemente os dois jogadores espanhóis para fazermos um confronto, tanto quanto possível justo. Martin é um centro-avançado mais em inteligência do que em força, distribuindo jogo. Zarra é, pelo contrário, mais perjurante, duro e rematador, mas conduz pior o jogo. Peyroteo tem qualidades que se encontram num e noutro destes jogadores, colabora com os companheiros e remata perigosamente. É o melhor dos três indicados.

P. 413 — Em sua opinião, não acha história que os espanhóis somente se desloquem a Lisboa quando estão convencidos de que nos vencem? (De A. S., Faro).

R. 413 — O desejo de todos os portugueses é ver os nossos vizinhos em Lisboa. Devemos acrescentar que nunca se poderá ler a certeza de ganhar ou de perder. No entanto, os espanhóis acautelam demasiadamente a sua visita a Portugal. O seu desejo de não perder, pela primeira vez, é igual ao nosso, de ganhar pela primeira vez!

Corre que...

Deve adoptar-se superiormente, segundo tudo indica, o critério das eleições para os Corpos Gerenciais da Federação Portuguesa de Futebol. Nessa hipótese, as Associações Distritais põem-se de acordo sobre o assunto.

↗ A Direcção do Benfica dispensou muitos jogadores de futebol. Fala-se em número elevado, à volta de dezasseis elementos.

↗ Carlos Alves, o antigo «internacional», vai dedicar-se carinhosamente à preparação do Sport Lisboa e Elvas, a equipa estreante que marcou no último torneio honrosa posição.

↗ Parece confirmar-se a transformação do seleccionador Passaria em treinador do Valência. Com Quincoces sucedeu o mesmo. É curioso!

↗ O Atlético vai ajustar devidamente as suas fileiras, provavelmente pondo de lado alguns jogadores e assegurando-se do concurso de outros. Para o caso não é indiferente a «final» da Taça de Portugal.

↗ O Porto vai reforçar (ou tentar, pelo menos!) as suas linhas com dois jogadores estrangeiros. A escolha será feita pelo treinador Szabo, que, para o efeito, fará uma viagem ao estrangeiro.

↗ A Associação Académica de Coimbra não dorme. Atenção ao seu grupo para a próxima época. Haverá surpresas...

NOS próximos dias 27 e 28 do corrente mez, reúne-se no Luxemburgo o primeiro congresso da Federação Internacional de Futebol, depois de terminada a conflagração mundial.

O acontecimento reveste-se de uma importância excepcional e existe por parte da comissão organizadora o maior interesse em conseguir uma representação tão completa quanto possível; a própria secretaria geral da F. I. F. A. dirigiu convites especiais a todos os países filiados e para Portugal já veio, depois do convite circular, outro de insistência para que não faltem em assembleia de amanhã realce os nossos representantes.

O assunto vai com certeza ser ponderado e resolvido, de acordo com os interesses nacionais, pelas entidades superiores a quem foi apresentado, levando em consideração todos os problemas de carácter internacional que vão ser apresentados ao Congresso do Luxemburgo, e em alguns dos quais os delegados portugueses podem desempenhar papel importante e simpático às nossas mais fortes afinidades.

Assim se pode apresentar, por exemplo, a questão da candidatura do Brasil a organizador do próximo campeonato de Mundo,

Comentarios

à qual os portugueses devem por todos os motivos prestar o mais caloroso apoio. O mesmo se pode afirmar, embora pareça à primeira vista menos segura de êxito a pretensão, quanto ao desejo espanhol de voltar a ocupar uma das vice-presidências da comissão dirigente da F. I. F. A.

No entanto, acima de todos estes assuntos onde a nossa intervenção seria mais diplomática do que de interesse directo, impõe-se a presença dos delegados portugueses para de novo diligenciarem que seja atribuída ao nosso país a organização do próximo congresso internacional do futebol.

Trata-se de uma antiga aspiração, que ainda há um ano voltou a ser agitada quando os dirigentes nacionais estiveram na Suíça, e que conta numerosas simpatias; foi preterida por esta vez porque o compromisso com o Luxemburgo dalava de antes da guerra e, muito logicamente, foi mantido. Mas a oportunidade de agora será talvez a melhor, e traria, caso tivesse êxito, enorme prestígio para a nação e para o desporto português.

Ainda que outros motivos não houvesse (recordemos que a época da nossa grande actividade internacional coincidiu com a presença dos delegados portugueses nos congressos da F. I. F. A.) bastaria este, de procurar o direito de organização do congresso imediato, para justificar a presença dos representantes da F. P. F. no Luxemburgo.

Lembremo-nos do que diz o povo: quem não aparece, esquece.

PARA ENTRAR NO BOM CAMINHO

TODA a imprensa desportiva se tem referido com uma isenção digna de honroso apreço — há excepções que, pela procedência, apenas servem para confirmar a regra — à necessidade urgente de remediar certas deficiências de organização técnica nas nossas competições oficiais de atletismo.

Como dissemos há uma semana, esta modalidade, pela precisão materialmente verificável dos seus resultados, nos quais não interm o julgamento sempre falível do homem, requer o maior rigor na homologação das marcas, doa a quem doer, para que se possa considerar honesta e verdadeira a tabela que regista os máximos e mínimos conseguidos por atletas portugueses em condições de legalidade.

Algumas insuficiências verificadas, bem triste que se verifique ainda, ao cabo de tantos anos de trabalho e propaganda, foram toleradas com demasiada complacência pelos organismos dirigentes, e acabaram por chamar a atenção de quem superiormente dirige o desporto nacional. Em princípios do mês corrente, o sr. Director Geral dos Desportos comunicou à Federação Portuguesa de Atletismo algumas determinações que têm muito a propósito assegurar o fim de certas possíveis fantasias.

Em primeiro lugar, estabeleceu a D. G. D. que a entidade organizadora de qualquer campeonato ou torneio oficial deverá, antes do seu início, assegurar-se da velocidade do vento favorável e, no caso de reconhecer que ela excede dois metros por segundo, o que impede, à face do regulamento técnico internacional, a homologação dos resultados obtidos nas provas disputadas em linha recta e com benefício, avisar o publico com antecedência.

Também não se pode homologar mais resultados em corridas de barreiras, com as barreiras actualmente em serviço e quando se verificarem derrubes, até a Federação se assegurar de que as barreiras oferecem de facto uma resistência ao derrube igual a uma impulsão mínima de 3.600 quilos no centro da barra superior, como estabelece o regulamento técnico internacional.

Passa a ser condição indispensável, para validade dos resultados obtidos em concursos de lançamentos, que os apetrechos usados tenham sido previamente pesados e medidos na presença do juiz árbitro, que os conservará à sua guarda até ao momento da prova. Em caso de resultado recorde, os apetrechos voltarão a ser pesados e medidos, para o que o juiz árbitro os tomará de novo à sua guarda logo após a conclusão da prova.

Finalmente, a Federação fica encarregada de providenciar para imediata criação do Colégio de Juizes Arbitros, dentro do preceituado no art.º 65.º do decreto n.º 32.946, devendo todos os candidatos ser sujeitos a exame antes de aceitação.

Devem merecer unânime aplauso estas determinações; ainda não é tudo (falta a aferição dos cronómetros empregados e a oficialização dos cronometristas, por exemplo), mas é já muito, muitíssimo.

NATAÇÃO

O ALGÉS E DAFUNDO

conquistou a taça «Mundo Desportivo»

NÃO correspondeu à expectativa o festival de natação organizado no domingo último, na doca de recreio de Belém, pelo Grupo Desportivo do Porto de Lisboa.

A organização de um festival daquela natureza reveste-se, indiscutivelmente, de muita dificuldade, tanto mais que hoje já se perdeu o hábito de semelhantes reuniões. No domingo houve, de facto, pormenores que comprometeram o êxito da reunião, que, a princípio, se adivinha brilhante. A falta de pistas, a falta de um local onde júri e imprensa pudessem trabalhar à vontade, e, sobretudo a falta de aparelhagem sonora, que impediu a realização das demonstrações de salvamento.

Não pretendemos de modo algum, apontando estas deficiências, poucar o esforço desenvolvido pelos organizadores, que sabemos terem empregado o melhor da sua acção e posto o melhor da sua boa vontade.

Não. Apontamos-las, apenas, para serem levadas em conta em futuras organizações, uma vez que o ideal que presidiu ao festival é magnífico e

está absolutamente de acordo com a nossa maneira de ver.

Mesmo assim, o festival — que teve o solenizá-lo a presença do representante do sr. ministro da Marinha — deve ter produzido boa propaganda, pois é natural que uma parte da assistência fosse constituída por elementos que, normalmente, andam afastados de espectáculos desta natureza.

Individualmente, Mário Simas, do Estoril Praia, foi dos elementos mais em destaque, com duas magníficas vitórias nas provas da sua especialidade: 100 metros-livres (1 m. 2 s.) e 100 metros-costas (1 m. 13 s.). Correu como normalmente corre — sem adversário.

Guilherme Patrão, do Alagés, e Jeremias Simão, do Estoril, emprestaram boa animação à prova de 200 metros-livres, principiantes. Patrão arrancou uma vitória brilhante, terminando com apreciável vantagem. Mais estilista, o nadador do Alagés venceu por forma a não deixar dúvidas. Tempos: 2 m. 27 s. e 2 m. 31,4 s.

Os 100 metros-bruços, inscrição livre — que reuniram dez concorrentes — proporcionaram boa luta

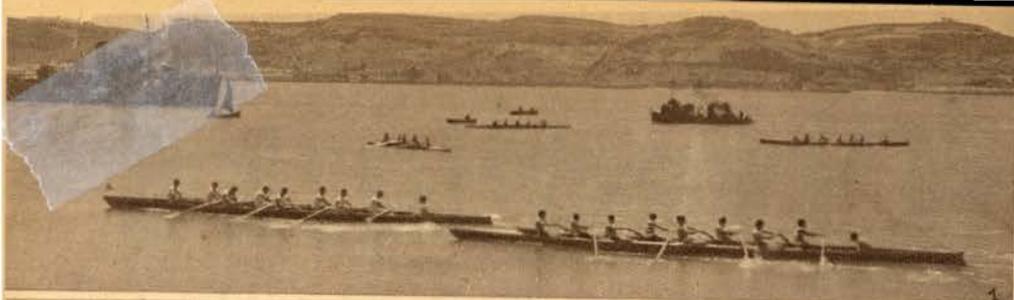
entre o consagrado Artur Mendes Silva e o «novo» António Martins Xeira. Venceu Artur Mendes Silva, mais «feito» a provas desta natureza, em 1 m. 24,4 s., mas a verdade é que o «tempo» de Martins Xeira — 1 m. 25,6 s. — merece ser posto em relevo.

Os iniciados disputavam uma prova: os 100 metros-livres. Jaime Ferreira Moniz, do Alagés, um nadador que vem afirmando boas possibilidades, triunfou em 1 m. 15 s., batendo bem o seu companheiro de clube, Alfredo Rodrigues.

O festival era patrocinado pelo nosso prezado colega «Mundo Desportivo», e tinha como prémio uma taça com o nome daquele prestigioso tri-semanário. Conquistou-a o Sport Alagés e Dafundo, que somou 47 pontos, contra 40 do Estoril-Préia e do Pedrouços.

E, para terminar, uma referência aos nadadores do Nacional de Natação e do Desportivo de Paço de Arcos, que, embora sem quaisquer pretensões, compareceram ao festival e lutaram — dentro das suas possibilidades — com ânimo e vontade.

Abreu Torres



1 — A chegada da emocionante regata do «8-senhores» Ass. Naval - C. U. F. do Barreiro.

2 — O «8» vencedor, da Ass. Naval.

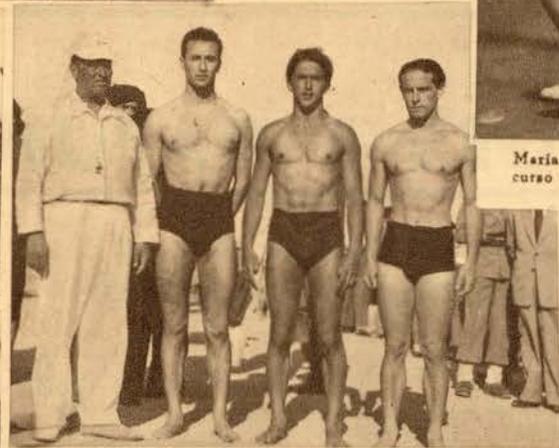
3 — O «4-senhores» do Estoril Praia, que conquistou brilhantemente a sua prova.



Tília Pedrosa no concurso de elegância, em patins, do CACO.



Maria Helena Simões vencedora do concurso Patinagem-artística, do CACO.



Em cima: — A equipa do Estoril-Prata vencedora da estafeta de 3x50 metros-livres, por equipas mistas, acompanhada por Luiz Alves Miguel, presidente da A. N. L.

Ao lado esquerdo: — O comandante Celestino Ramos, representante do sr. Ministro da Marinha, preside ao festival de natação realizado na doca de recreio de Belém.



D. Maria do Céu Sever Ferreira, esperançosa nadadora do Sport Algés e Dafundo

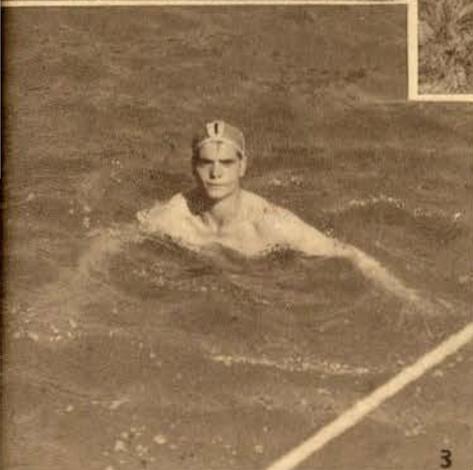
ACTIVIDADES DESPORTIVAS

EM

LISBOA



TENIS DE MESA — Na sede do «A Voz do Operário» disputou-se a Taça «Mundo Desportivo» organizado pelo Alfama, saindo vencedor o Sporting C. P.



1) — O tenente Jo-
viano Lopes, venci-
dor da Taça «Jornal
de Notícias» no con-
curso hípico do Porto;
2) — A menina Ter-
resa Ivens Ferraz,
vencedora da prova
«Amazonas»; 3) —
Acácio Agostinho da
Costa, do F. C. Porto,
vencedor da «Milha
do Mar» dos Galitos
da Foz; 4) — O F.
C. Porto, que venceu
por equipas; 5 e 6 —
Fases do jogo de
hoquei em patins, en-
tre o H. C. dos Car-
valhos e o Infante de
Sagres; 7 e 8) — Dois
aspectos do jogo de
andebol Vigorosa-
Sporting, em que o
primeiro ganhou. Re-
pare-se na falta de
assistência — coisa
que é inédita no
Porto, nesta modali-
dade...



Stadium

na Capital do Norte

MOSAICOS

nortenhos...

O ESTÁDIO do F. C. do Porto, se um dia vier a existir, deve ter um nome apropriado. Fomos admiradores de Artur de Sousa, mas dos indiscutíveis. Todavia, não nos parece viável a lembrança, há dias ventilada num diário do Porto, que propunha o nome do celebre jogador para patrono do futuro (?) terreno.

O F. C. do Porto tem um nome a quem deve veneração: Monteiro da Costa — o fundador.

◆ HOUVE uma reunião das forças vivas do andebol português, que foi presidida pelo sr. Delegado da Direcção Geral dos Desportos. O F. C. do Porto, representado por Elói da Silva, não abdicou do seu ponto de vista. Pela palavra do seu delegado, firme e por vezes duro, traçou uma directriz. Veremos o desfecho.

◆ Os SUÍÇOS do andebol já não jogam no Porto, segundo se afirma. Começamos a perder alguma coisa com o «pé de vento» que há semanas se levantou.

◆ GOMES DA COSTA esteve presente na festa de Artur de Sousa. O público criou nesses momentos muita esperança. Se Artur fosse de verdade substituído por ele, não estaríamos muito mais as coisas...

Mas — não será assim. Gomes da Costa é apenas uma saudade.

◆ O BOAVISTA, afinal, desceu à 2.ª Divisão Nacional. Lamentemo-lo. É lamentemo-lo porque o popular clube do Bessa tinha-nos habituado a um comportamento valoroso — quando encontrava pela frente adversário que desejava bater.

◆ CONTINUA a febre-se de transferências. Que Serelim e Caiado ingressariam no Sporting... Claro: — se desejassem ficar num clube do Porto, ninguém o permitiria...

◆ CONCLUIU-SE publicamente o campeonato nacional de andebol, com a vitória lisboeta — dos rapazes do Grupo Desportivo de «Cuf». Devem estar contentes os causadores de toda este embrulhado!

E acabou-se. Parabéns aos cufistas, que não tiveram culpa alguma de tamanha sarlho.

ÍDOLOS

DESPEDIU-SE um ídolo. Mas um ídolo autêntico. Artur de Sousa era um jogador «de facto», classificado como o melhor avançado de todos os tempos, mas por uma «verdadeira» maioria de críticos. E de apaixonados do futebol. Não formou a sua personalidade desportiva à custa de uma ou outra opinião discutível, como tantas que aparecem, de vez em quando, a classificar jogadores ousadamente, de um modo que faz sorrir o mais sisudo...

Artur de Sousa ficou no coração do público. O Porto, sem distinção de clube, estimava-o imenso. Há, agora, a impressão de que o famoso «Pinga» continuará ao serviço do F. C. Porto.

E como?

Fácil de resolver a questão. Artur de Sousa, se lhe entregassem a preparação dos juniores do popular clube, por certo apresentaria obra da melhor qualidade. Assim que fosse conhecida, na Cidade, a sua direcção técnica junto dos novos, ficariam estes logicamente alvoçados com a notícia e correriam a receber os seus ensinamentos.

Muito lucraria o F. C. P., que bem precisa de olhar pelos seus futuros quadros, chamando a mocidade aos seus campos, oferecendo-lhe a regalia de um mestre popular e justamente admirado. Já se pensou, com certeza, no assunto. Por isso — Artur de Sousa continuará no F. C. do Porto!

Natação-Atletismo-Ciclismo

PRINCIPIANDO pela ordem do título, diga-se desde já que não temos palavras de louvor a distribuir. Os desportos do rio continuam em maré baixa, e continuamos todos a falar em piscinas... mas sem possibilidades de êxito.

Por tudo isto ou por via de outros descuidos, a natação só de longe em longe nos dá um ar da sua graça. No domingo, numa prova que poderia ser interessante, apenas concorreram nadadores do F. C. do Porto e do Galitos da Foz...

E vamos ao atletismo. Já se disse que o Académico possui os melhores seniores do Norte, e ainda agora o demonstrou em Lisboa, no decorrer dos campeonatos nacionais. O F. C. P. apenas conta com alguns juniores habilitados. Entretanto, a pista do Lima deixa de cumprir como em épocas distantes. Precisa indiscutivelmente de reparação, e se a não fizerem nesta altura — perder-se-á muito daquele laborioso trabalho que valorizou o atletismo portuense.

Por fim — o ciclismo. O Norte tem bons ciclistas. Fernando

Moreira, Onofre, Império, Cardoso, Pereira e muitos mais sabem dar luta aos melhores, e já se via que o par Moreira-Onofre, por exemplo, se classifica quase sempre bem na pista. Mas... cá temos outra vez o problema das instalações. A pista de ciclismo do Lima está igualmente mal tratada, a despeito de vários arranjos a que foi submetida.

A cidade do Porto já perdeu o prestígio que a consagra em várias modalidades pobres. E se continuarmos a olhar as coisas como atéltimamente — pior será o futuro.

Aos nossos Leitores

No próximo número, continuamos a publicação da nossa Separata «Biografias Desportivas», interrompida bem contra o nosso desejo.

Ano IV — II Série

Lisboa, 17 de Julho de 1946

N.º 189

Stadium
REVISTA DESPORTIVA
Propriedade da SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Director e Editor: DR. GUILHERME DE MELLO
Travessa Cidália João Gonçalves, 19, 3 — Telef. 51126 — LISBOA
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA
Execução Gráfica de NEOGRAVURA, LIMITADA — LISBOA



Teodomiro Argente Júnior, do Académico, clube que tem sido escolhido para indicar dirigentes para Associações, Conselhos técnicos ou outros organismos, tem cumprido o melhor possível com a sua missão em vários sectores. Presidiu, durante muito tempo, à Associação de Atletismo do Porto. Depois — por indicação do Delegado da Direcção Geral dos Desportos, presidiu à Associação de Andebol.

A despeito dos incidentes últimamente verificados, o sr. Teodomiro Argente Júnior procurou servir a modalidade, nunca se esquecendo dos seus deveres e das suas obrigações quando em presença da luta que se desenhava e ainda dá sinais de si.

Teodomiro Argente, entretanto, embora possivelmente mal avisado, deu provas de ser desportista e homem sério. Nem outra coisa era de esperar deste dirigente, que o Porto conhece e estima.

Quando as paixões o atingiram, ou procuraram atingir, Teodomiro Argente soube colocar-se a distância, e não se deve com certeza à sua influência esta série de desperates que vão levar muito tempo a eliminar.

Numa palavra: — Stadium pode louvar Teodomiro Argente Júnior. Louva um desportista zeloso, que é bom não chamuscar nesta luta inglória e aborrecida.

A Iluminante

MATERIAL ELECTRICO
PARA TODAS AS
APLICAÇÕES

Avenida Almirante Reis, 6
LISBOA

ATLETISMO

(Continuação da página 9)

Martins Vieira, que consideramos ainda pela sua técnica o segundo português na prova, calu na sexta barreira, quando já trazia vantagem sobre os dois compelidores.

No lançamento do disco os resultados foram melhores do que se esperava, pois havia um erro de dois metros para menos nos blocos de sinalização. José Luis Silva e Manuel da Silva destacaram-se, mas devem ambos conseguir melhor: José Luis, corrigindo o aproveitamento do trabalho da perna direita e da projecção da anca na impulsão final; Manuel, se lograr equilibrar-se durante a rotação dentro do círculo.

Por fim, Alvaro Dias, ainda recioso da perna, ganhou o salto em comprimento com resultado promissor, tanto mais que desistiu das três tentativas finais. Em três pulos alcançou 6,88 metros e 6,74 metros, pisando o limite no outro.

João Vieira, a energia personificada, classificou-se segundo com 6,65, 6,57, 6,63, 6,56 e 6,44 metros nas outras tentativas.

Tamegão, que acaba a prova do dardo, atingiu 6,63 metros e não concluiu os ensaios por estar magoado num calcanhar.

São três bons especialistas com que podemos contar.

A segunda jornada

A ventania, muito mais forte do que na véspera, influiu consideravelmente em alguns resultados, sobretudo no salto à vara, nos 10.000 e nos 110 metros barreiras, cuja final constituiu a parte cômica do torneio.

Quando a valor desportivo, houve de tudo, desde o muito bom até ao menos do que medíocre.

Considero no primeiro caso o triplo-salto, os 100 e os 400 metros; no segundo os 10.000 metros e, sobretudo, os 1.500 metros.

Tomás Paquete tornou a vencer facilmente os 100 metros e não tem de momento em Portugal adversário que o apoquentem; os seus tempos, com forte vento pelas costas, foram 10,9 e 10,6 s; em circunstâncias regulamentares vale seguramente 10,8 s. ou 10,7 s., o que é excelente.

Tamegão e Núnco classificaram-se por esta ordem nos postos de honra, mas o sportinguista partiu muito mal e isso influiu no resultado. Carlos Mendonça mostrou-se em tarde sombria.

A luta Sampaio Peixoto-Matos Fernandes nos 400 metros foi empolgante e, sem aquele sopro assassino da recta oposta, não hesito em afirmar que o recorde da distância teria sido batido. O campeão noronhenho recupera a forma e apre-sentar-se-á em Barcelona podendo merecer confiança.

Os 1.500 metros foram corridos em passo moderado; os melhores sabem que se classificavam de qualquer maneira e deixaram andar os acontecimentos. A tática é

defensável sob o ponto de vista prático, mas pode também ser interpretada como falta de brio desportivo. Ficámos sem saber o que valem os nossos representantes para o encontro com a Espanha.

Os corredores de 10.000 metros também seguiram andamento moderado até aos seis quilómetros, mas esses têm a alenuante de serem obrigados a percorrer 26 vezes e contra a ventania aquela destruidora recta oriental. A prova foi igual a todas em que lutam João Silva e Afonso Marques; a notar a evidente subida de forma de Felipe Luis e o condenável procedimento de Galvão Duarte quando, alreado de uma volta, se lembrou de embalar ao lado de João Silva para fechar a passagem a Marques, quando ambos procuravam a meta. Intervenção irregular e que o juiz árbitro devia ter punido.

A final dos 110 barreiras foi anulada e deu motivo a uma situação cômica, que foi a natural consequência da irregularidade de construção dos obstáculos. Só nos admira como há mais tempo não sucedera o que no domingo aconteceu.

O vento derrubava as barreiras como castelos de cartas e, depois de dada a partida, elas continuaram a tombar em profusão; Martins Vieira, correndo na pista 4, onde o vento era talvez mais forte, vinha em terceiro lugar quando se achou sem obstáculos na frente.

Decidiu correr então cinquenta metros planos, ultrapassou os adversários que continuavam a saltar e entrou em primeiro na meta!

A jornada era rica em concursos, que, desta vez, o público bem disposto acompanhou sem reclamações.

A nota sensacional foi dada pela eliminação de Matos Fernandes no salto em altura, por não transpor o mínimo de 1,70 metros; nestas condições, António Cardoso, que limpou até 1,80 metros, ganhou à vontade. Cometeu o erro de subir logo a barra nove centímetros, no anseio de bater o recorde, e prejudicou assim a sua marca. Continua a rolar mal ou, melhor, a não rolar sobre a barra.

Os restantes concorrentes, fraquíssimos, cada vez piores.

No lançamento do peso conseguiu Pinto Basto o seu melhor resultado, com 13,175 metros, e vendo anulada uma tentativa em que ultrapassara o recorde. Boa projecção, mas nulo trabalho da perna direita.

Manuel da Silva foi o único lançador de martelo que luziu com os seus 47,15 metros; Herculano declina e José Luis progride, mas está ainda muito longe da verdade.

A vitória de Montalvão no salto à vara e o segundo lugar de Martins Vieira estão dentro do melhor que poderíamos esperar; o primeiro, se aprender a saltar, tem o recorde ao alcance.

Finalmente, a prova de triplo-salto teve de notável a circunstância, que suponho ser novidade, dos cinco classificados terem ultrapassado os 13 metros. Luís Alcide e João Vieira obtiveram marca tranquilizadora.

E esperamos agora quinze dias para saber se o nosso atletismo é ainda o melhor da Península. Deixaremos para a semana o estudo das nossas probabilidades.

Resultou brilhante a 2.ª jornada dos Campeonatos Nacionais de Remo

COM os regatas de «yolles», disputadas no domingo ao longo da muralha da Junqueira, concluíram-se os Campeonatos Nacionais de Remo de 1946. Ficam a essinal-los duas jornadas de interesse. Uma de grande curiosidade, a do dia 7, no Ermal. A de domingo passado foi excelente. Animado, preenchida a manhã com uma série de provas de bom valor técnico, a jornada destinada a classe dos «yolles» de mar egragado e deu ensejo a dois motivos: a indicação do representante de Lisboa no próximo Campeonato Peninsular e a um aspecto verdadeiro de quanto é emocionante uma regata de barcos de remo — todo o valor de duas tripulações, compostas por atletas de músculos de aço, acusando boa preparação técnica e genica necessária. Foi o caso da regata dos seniores, Associação Naval — C. U. F., do Barreiro. Os remadores da Associação, não só pela forma como pelo seu vitória no «colto» de juniores, confirmam-nos que estão trabalhando com afinco. Há gente nova acusando merecimento e os treinos, seguidos com normalidade magnífica, apontam seus efeitos.

A vitória do «equatro» do Estoril Praia confirmou a disposição excelente em que esta época nos têm

aparecido os remadores desta triplulação. Bem treinados, formando um conjunto forte, os estorilenses serão dignos representantes de Lisboa no Campeonato Peninsular, pois que esta prova de «yolles» de 4 será Interclasse.

Mas, de uma maneira geral, as provas de remo de domingo passado na Junqueira acusaram, todas elas, interesse dos clubes no seu trabalho técnico e uma dose de entusiasmo apreciável. Neste pormenor se salientou o Club Náutico de Viana do Castelo, que, sabendo de antemão que não poderia aspirar a grande classificação, apareceu no Tejo dando quanto pôde. O mesmo se pode dizer do Ginásio Figueirense. Todos, porém, cumpriram, ajudando cada um por si a classificar de brilhante jornada desportiva a manhã de domingo último no Tejo. Oito Clubes — Associação Naval de Lisboa, Clube Naval de Lisboa, G. D. da C. P., G. D. da C. U. F., G. D. Estoril Praia, Clube Naval Setubalense, Clube Náutico de Viana e Ginásio Figueirense — com um total de 96 remadores, estiveram em actividade, alegrando o nosso rio, sob o condão forte e entusiástico do desporto.

F. S.

MATOS FERNANDES

(Continuação da página 5)

E num desabaço.

— Mas é pena que não se ajude mais o atletismo, que não se olhe com mais carinho por esta modalidade de qualidades excelentes, de tão grande valor desportivo. Creia que haveria muito mais atletas. Este modalidade desperta entusiasmo.

Assim, depois do Benfica, o grupo melhor apetrechado é o do Sporting. O Belenenses, se continuar a sua preparação com o entusiasmo que nos parece indicar a sua colaboração de agora, suponho que será adversário de valor. Mas o Porto! Que pena os portugueses não conseguirem lançar-se deliberadamente na propaganda e desenvolvimento do atletismo. E Coimbra, com toda aquela repezidade universalista!

— Claro que gosta do Benfica?!

— Foi sempre do Benfica. Quando fiz as minhas provas na Mocidade e me vieram convidar para vestir a sua camisola, já lhe dedicava o meu interesse. De qualquer das formas, iria para junto dos «encarnados», se bem que o Sporting me tivesse feito identico convita. Camaradagem excelente.

— Depois do atletismo, que desporto admira mais?

— A natação. Futebol, só quando joga o Benfica.

— Emoções recebidas nestes seis anos?

— A beleza do desporto fez-nos esquecer, mas aquela desclassificação na prova dos 800, com a indicação de que não tinha sido leal, custou-me muito. Mas emoção verdadeira, como ainda não tinha experimentado nestes seis anos de atl-

vidade, senti-a no passado domingo, quando ganhei os 400 metros barreiras. Depois da prova, fui para a bancada e, de repente, senti uns braços pequeninos envolverem-me o pescoço e uma série de beijos de uma garotinha dos seus 5 ou 6 anos. A satisfação da garota e do pai pela minha vitória comoveram-me. Um insignificante pormenor, que, para os meus amigos do futebol, acostumados às saudações de milhares de desportistas, não teria importância. Mas para nós, os do atletismo, estes pequenos casos já representam tanto!...

Repáramos que Matos Fernandes tinha na lapela um emblema daqueles com brilhantes e rubis que têm premiado atletas benfiquistas. Quisemos saber o motivo da homenagem. O campeão disse-nos, simplesmente e a sorrir.

— Não pense que veio dessa série dos que têm premiado os colegas da bola. Eu sou da secção de atletismo, onde há um elemento, com 17 anos dedicados ao clube, sem emblema. Este foi aqui colocado por mim femininas...

Percebemos. Uma e outra coisa.

— Que espera ainda conseguir no atletismo?

— O meu comportamento até neste altura satisfaz-me. Mas ficarei radiante se conseguir 54 s. nos 400 metros barreiras, menos de 50 nos 400 metros planos e fizer 6:500 pontos no decalço.

Quando a nós, em face do cuidado e interesse com que Matos Fernandes encara o seu desporto predilecto, parece-nos que o chegaremos a ver radiante com os seus resultados.

Fernando Sá

FLECHA
a melhor bicicleta

Stadium

ELVAS e FUNCHAL

EM FRANCA ACTIVIDADE

A presença do S. L. Elvas no Campeonato Nacional forneceu alguns motivos de interesse. E fica assinalado a descoberta de um avançado-centro: Patalino. De uma maneira geral os seus jogadores tiveram comportamento meritório — grupo de novos a merecerem confiança. O seu médio esquerdo Fernandes — 19 anos de idade — deu nas vistas.

Um outro elemento pôs em foco o clube elvensê, especialmente pela projecção que teve no nosso meio desportivo o seu ingresso no Elvas: Inácio Rebelo. Encontrámo-lo no Rossio em passelo de...



Inácio Rebelo

Rebelo que é um produto dos juniores do Benfica, viu recentemente o seu nome ligado a uma questão de transferência: a sua passagem do Salgueiros para o Elvas.

Tentou-nos a curiosidade e Inácio Rebelo esclarece-nos: — Comecei a jogar o futebol nos juniores do Benfica na época 1938/39 e na época de 1941/42 alinhei na 2.ª categoria e na reserva, chegando a ser uma vez suplente ao primeiro team. Depois fui para Cabo Verde cumprir o serviço militar.

— Porque não voltou para o Benfica quando regressou de Africa?

— O clube esqueceu-se um pouco de mim e eu recusei-me a alinhar.

— Porque escolheu o Salgueiros?
— Pela mesma razão que me agradou ir para o Elvas. Prefiro as equipas de cor encarnada...

Inácio Rebelo — irmão do ciclista João Rebelo — tem feito progressos. De bom físico e mexendo bem na bola, o jogador elvensê já foi escolhido para uma selecção — a que se formou no Porto para jogar contra o grupo da Galiza.

Mas espera conseguir mais alguma coisa... — «E' que pretendo chegar onde têm chegado os nossos melhores» — declara-nos Rebelo.

Pedim-lhe uma opinião acerca do Elvas.
— O Sport Lisboa e Elvas no próximo ano já há-de figurar entre os primeiros.

Agora que já se convenceram de que a Província tem elementos capazes de ajudar muito o desenvolvimento e a propaganda do futebol é o momento destes clubes não abrandarem o seu entusiasmo.

E numa afirmação categórica:
— Creia que o Elvas, sómente com umas leves modificações no seu grupo, é team para trevar a marcha aos melhores. Este ano passaram em Elvas o Sporting, o Benfica e o Atlético. Pois quase lhe posso garantir que na próxima época também estes lá serão derrotados. Pense-se que o grupo de Elvas é formado por gente habilidosa e muito nova. As idades fixam-se entre os 20 e os 23 anos...

— Aprenderam alguma coisa neste campeonato?
— Um clube como o Elvas tem sempre que aprender no primeiro contacto com uma prova da importância do Nacional. Foi um campeonato de estudo e para um estudante na prova creio que se pode classificar de muito bom o seu comportamento.

— Não está arrependido de ter deixado o Benfica e depois o Salgueiros?
— De maneira nenhuma. Estou muito bem no Elvas. Bom ambiente e bons rapazes.

— De maneira nenhuma. Estou muito bem no Elvas. Bom ambiente e bons rapazes.



As tres equipas do Marítimo, titulares regionais

A Madeira tem-nos dado fartas provas da sua capacidade desportiva. Além de haver conquistado, nos bons tempos, um campeonato nacional de futebol, por intermédio do Marítimo, serviu já a equipa nacional por várias vezes, fornecendo-lhe elementos como Artur Sousa, Carlos Pereira e José Ramos. Além destes — Janota, Jôta, Abelhinha, Vasco Nunes, Mota, Jusa e tantos mais, deram fama ao popular desporto. O futebol ilheu chegou a bater-se honrosamente com o do Continente.

Na última época, houve no Funchal simpático movimento.

O Marítimo, graças às equipas que o representavam no campeonato regional, caminhou na vanguarda, e oxalá tivesse contribuído para o aperfeiçoamento do jogo — que o mesmo será dizer, para a expansão do futebol nas ilhas.

Os desportistas continentais aguardam justificadamente que a Madeira possa valorizar o popular jogo — comparecendo no futuro em provas oficiais. Poderá ser?

- Os que mais aprecia?
- O Patalino, bom jogador e excelente corredor de 5 mil metros; depois, Morais, Massano, Semedo, Ameixa e o Fernandes.
- Nos clubes adversários?
- De todos destaca o «Pinga», o Chico Ferreira, Peyroteo, Azevedo e Feliciano.

Rebelo tem um prazer no futebol: marcar goals. Perigosos os seus pontapés a marcarem um livre ou um penalty.

Mas tem ainda o jogador um outro prazer no futebol — vencer o Benfica. E esta?

— Que grupo o impressionou mais neste campeonato?
— O do Benfica, especialmente pela sua linha avançada, a única que tem artes especiais para trocar a vista a um jogador.

— Pratica outros desportos?

— Actualmente não. Já fiz boxe em que fui campeão de Lisboa em amadores. Nessa altura chamaram-me o rei do K. O.

— E ciclismo?

— Isso é com o meu irmão. Também ando de máquina mas só às vezes e em passelo...

— E que opinião tem do seu irmão ciclista?

— E' um grande corredor. Deve vir a ser um elemento ainda melhor dos que há anos gosaram de maior fama no ciclismo nacional. E na «Volta a Espanha», se não fossem os azares de principio podia ficar entre os primeiros.

Terminámos a nossa troca de impressões. Atenção a Elvas, a Patalino e a Inácio Rebelo.

F. S.







Flecha

a bicicleta dos campeões

A ILUMINANTE

Stand FLECHA
Largo do Intendente - Lisboa



2\$00

Stadium

2\$00